

Invieta Cine

ANO X

N.º 172

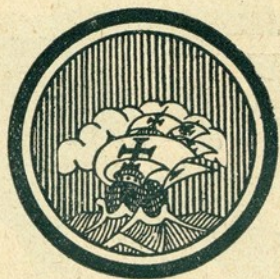


JEAN MURAT

SEMANARIO ILUSTRADO
DE CINEMATOGRAFIA

PREÇO

50
c⁰⁰



INVICTA CINE

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

-SINGRANDO CONTRA TODAS AS PROCELAS-

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:
ROBERTO LINO
E
SOUTINHO D'OLIVEIRA

REDACTOR PRINCIPAL:
ALVES COSTA

ADMINISTRADOR:
JOAQUIM TEIXEIRA

PROPRIEDADE DA
EMPRESA INVICTA-CINE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO PROVISÓRIA:
RUA DAS MUSAS, 45-PORTO (PORTUGAL)

ANO X
Número 172
PORTO
4 DE JUNHO
1932

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPO-LITO
GONÇALVES & NOGUEIRA, LIMIT.-PORTO

REDACTORES:

LISBOA: FERNANDO BARROS
E AGUINALDO MACHADO

PARIS: DANIEL MAYBON, ROBERT
GAILLARD, GEO POIRIER E MAURICE
HILÉRO

NOVA-YORK: ARTUR COELHO
VIENA (AUSTRIA): FRITZ MIKO
ROMENIA: SAMUEL STEINBERG

COLABORADOR ARTÍSTICO:
FERNANDO LACERDA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

OLYMPIA

apresenta na próxima segunda-feira
o extraordinário tenor JOSÉ MOJICA
na encantadora comédia da "Fox"

AMOR ROUBADO

com Mona Maris, tôda falada e can-
tada em espanhol. Um homem que
domina tôdas as mulheres com uma
canção e um sorriso.

Grandiosa

«Matinée»

no Cinema Aguia d'Ouro, promovida pela
«Invicta-Cine», a favor da Assistência aos
Tuberculosos do Norte de Portugal

Anunciámo-la no nosso número anterior!

Ao promover esta «matinée», *Invicta-Cine*, não quis tomar para si quaisquer lisonjas ou pretensões para captar simpatias ou admiradores. Não, pois desejou, tão somente, contribuir filantrôpicamente, com meios ao seu alcance, para uma causa nobre, a que todos — pobres, remediados e ricos — devem prestar auxílio: — a luta contra a tuberculose, o horrível flagelo que impiedosamente se alastra pelo mundo inteiro e que em Portugal — todos o sabem! — se faz sentir duma maneira impressionante...

Com êste propósito, *Invicta-Cine*, define uma posição, que aliás não deve ser censurada, mostrando o seu carinho pela tão humanitária Assistência aos Tuberculosos do Norte de Portugal...

Se para a Assistência Nacional contribui com a sua simpatia e com o seu óbulo — modesto mas de boa vontade — para a Assistência do Norte contribui com a sua alma e com o seu esforço.

Não há que tomar a mal, não há que censurar semelhante atitude!

A Assistência do Norte foi criada para prestar auxílio a êsses pobres doentes — pobres e humanamente infelizes — que nós encontramos a cada passo, pelas ruas, pelas esquinas, àqueles que ouvimos tossir, porque são nossos vizinhos, àqueles que são nossos conhecidos e muitos dêles nossos amigos... e que, por estarem perto de nós, mais nos sensibilizam, comovem e impressionam...

Dirigem-na, proficiente e abnegadamente, almas devotas, filhas da nossa terra — a terra nortenha — que lutam para sanear o mal da nossa terra...

Não há, portanto, que tomar a mal, não há que censurar, que contribuamos com a nossa alma e com o nosso esforço para a Assistência do Norte...

Esta «matinée», que terá lugar no próximo dia 14, no elegante Cinema Aguia d'Ouro, poderá não



marcar um acontecimento mundano, mas marcará estamos certos, um gesto simpático e altruísta de todos aquêles que lhe derem a sua presença.

O filme do programa, em «reprise», marcou um acontecimento cinematográfico em Portugal: — a revelação de Lilian Harvey e Henry Garat, que são, hoje em dia, os dois astros mais preferidos do nosso público.

Vê-los-emos no agradável fono-filme *O Caminho do Paraíso* — um fono-filme que se viu sempre com agrado, que deixou saudades... e que não fará cansar vendo-o outra vez. Além disso, *Invicta-Cine*, escolheu êste fono-filme por ser interpretado pela sua madrinha — a deliciosa Lilian Harvey, franzina, duma meiguice que aturde, que cativa os sentidos subjugando-os... e que vêmos sempre triunfante aureolada, com o seu prestígio de artista consumada e de exótica e autêntica beleza, possuindo o segrêdo de agradar... que conseguiu na Europa uma popularidade inegalável, não há custa de artimanhas publicitárias, mas sim à custa do seu extraordinário temperamento, que sinceramente admiramos e que nos cumpre consagrar.

Escusado será dizer mais, pois, estamos certos, que todos os nossos leitores farão um sacrifício — será um sacrifício assistir à exibição dum filme da nossa madrinha? — acorrendo ao Cinema Aguia d'Ouro, à «matinée» do dia 14, contribuindo generosamente com a importância do custo do bilhete para a já grandiosa Assistência aos Tuberculosos do Norte de Portugal.

Cinéfilos do Norte! contribuí para que seja debelada a tuberculose no Norte!

T O M A Z D ' A L E N C A R .

Carta aberta

aos eleitores de Lilian Harvey

Meus presados confrades:

Escrevo-lhes ainda de Paris, roubando alguns momentos à lufa-lufa com que quotidianamente adquiero elementos para futuras reportagens, escritas já aí na mansão do nosso adorado Pôrto, focando esta capital-metrópole que tem mais cinemas que Portugal inteiro, descrevendo os estúdios, os *bureaux*, os artistas que pude visitar. Escrevo-lhes porque assim me obriga a derrota que sofri na eleição para a madrinha da *Invicta-Cine*, artista que ficará a inspirar todos quantos nela escrevem, que sorrirá eternamente para quantos a lêem, e que tem de ser forçosamente uma beleza moderna, inapagável, permanente, uma beleza à moda de Paris, internacional, cantando, bailando e amando... Quis a maioria dos meus camaradas e dos gentis leitores que pacientemente passeiam os olhos por estes rápidos escritos, que Lilian Harvey fôsse a eleita. Está bem! Bom democrata, concedo sempre à maioria o direito sagrado de vencedor. Pensei mesmo em escrever um grande artigo laudatório, repleto de adjectivos, de madrigais, dedicado à gentil «madrinha», solidarizando-me assim com o Alves Costa, Soutinho de Oliveira, Alves da Cunha, Fernando Barros, Fernando Lacerda, e dando também o meu beijo de «afilhado» na mãozinha perfumada duma das mais garotas artistas europeias.

Mas não. Hoje mudei de opinião, de pensamentos. Estou zangado, zangadíssimo, com a Lilian. Não são coisas que se façam!...

Razão tinha eu para não votar nela e agora vir para aqui pedir novo escrutínio, nova eleição.

Não quero a Lilian Harvey! Não quero!!!

O leitor que é seu *fan* e que está já indignado comigo por esta minha atrevida CARTA ABERTA, vai já saber as razões, as fortes razões, que me obrigam a não querer tal «madrinha» — essa *má*, essa ingrata, essa *feia*!!! Vai já saber, vai, e depois me dará razão e votará comigo numa outra rapariga que agora me traz *doido*, que é mais merecedora do nosso *respeito*, que melhor nos dará a sua encantadora bênção. Mas vamos primeiro à Lilian. Falemos primeiro da *feia*, da ingrata, da *má*.

Aqui em Paris não há um grande entusiasmo por ela. Preferem, por exemplo, a delambida da Meg. Lemonier, que agora trabalha ali para baixo no Teatró das Bouffes. Se o filme em que a «madrinha» entra, tem também o Henry Garat, então ainda o vão ver — por causa do Garatzinho...

Lilian Harvey cansou-os completamente, o que ainda não aconteceu em Portugal...

Mas vamos ao caso: querem saber porque ela é ingrata, *má* e *feia*? Eu digo, apesar de saber o que vão sofrer com a minha revelação. Mas é necessário, tanto mais que eu estou fazendo propaganda duma outra artista, dumã outra «madrinha»,

tam linda, tam elegante, tão *fininha* como ela. Lá vai:

A Lilian Harvey é feia, é *má*, é ingrata porque em Janeiro do ano de 1933 parte para a América do Norte, contratada pela casa Fox!!!

Então? Que tal? Caíram das nuvens, não? Eu também caí quando o amigo H. da Costa, na entrevista que me concedeu para a *Invicta-Cine* e que publicarei quando regressar aí, dando-me os parabens pela escolha feita, teve um leve encolher de ombros, significativo, como se costuma fazer quando nos fingimos alegres com a alegria dos outros.

Lilian Harvey deixa a Europa, a UFA. Vai para Hollywood fazer filmes que a fotografarão americanizada, com pouco internacionalismo, sem *charme*, sem *rigolot*. Ganhará muitos dolares, milhões e milhões, mas rapidamente. Os *yankees* adoram o fogo e como a querem *queimar* pagam-na bem, principescamente. Ela aceita no legitimo interesse de quem quere ver-se livre de trabalhos. Acabará depressa aquela fama que a fez adorada por tantos milhares de cinéfilos. O Alves Costa, o Fernando, o Joaquim Teixeira, o Soutinho, o Alves da Cunha e o pobre Amok, esquecer-se-ão da *madrinha* Lilian e nunca mais lançarão mão da pêne para novos artigos-declamações, para novas biografias-cartas de namôro.

Por isso eu não a quero para «madrinha» e tenho o desplante de lhe chamar *feia*, *má*, ingrata! Paciência. Arranja-se outra. Preparem os seus votos e o *passé-partout* da mezinha do quarto de dormir. Eu apresento já duas candidatas, qual delas a mais merecedora, qual delas a mais bonita:

Kathe de Nagy e Carmen Boni

Da primeira guardo aqui na minha pasta uma fotografia que é um tesouro. A graciosa Kathe mostra as pernas, senhores! Desafio os leitores a conseguirem uma foto igual. Única no mundo, que será publicada se conseguir número para ser «madrinha», para ser a nossa «madrinha». A Kathe só tirou esta fotografia assim despida. Não tirará mais, posso garanti-lo.

Da outra, da Carmen, tenho os olhos cheios da sua figurinha esguia, da sua beleza rara, esquisita, maravilhosa...

A's urnas cinéfilos! Pela Kathe ou pela Carmen!! A Lilian — a Lilian, a *má*, a ingrata, a *feia*! — gostaria de lhe bater muito, pancadinhas meúdas, pequeninas, mirando-me nos seus olhos côr dô céu, beijando-lhe os seus deditos côr de rosa, chamando-lhe *má*, *feia*, ingrata...

Paris, Maio de 1932.



Como trabalha

o grande realizador Lubitsch

Para aqueles que o não conhecem, o director Ernst Lubitsch representa uma dessas personalidades inalcançáveis, o homem mais fechado, mais ríspido e intratável que há em Hollywood.

E, entretanto, êle é tudo menos isso.

Suponhamos que nós — eu e tu, leitor — como representantes de um esplendido magazine de cinema, a *Invicta*, por exemplo, fomos encarregados de fazer uma reportagem de como Lubitsch trabalha. O nosso objectivo é kodaquear o grande director durante a realização de *O Homem que Matei*, filme em que trabalham Lionel Barrymore, Phillips Holmes e Nancy Carroll, e apresentá-lo aos nossos leitores, por meio de fotografias e descrições, da maneira mais real e interessante possível. «Quando Lubitsch Trabalha» seria provavelmente a nossa epigrafe.

Munidos das nossas credenciais, entramos no estúdio e dirigimo-nos para o «set» onde se está filmando *O Homem que Matei*. Incidentalmente vem-nos à memória aquele velho provérbio português: «Perto de quem come e longe de quem trabalha»... Mas a nossa missão é vêr Lubitsch a trabalhar e com êle entreter alguma conversação.

Ao abeirarmo-nos do «set», o nosso guia aponta o homem: é aquele que ali está, de mãos para trás, a passear de um lado para outro. Com efeito, Lubitsch acha-se num dos seus transes favoritos, quando, à cata de expressão para uma cena, enche o «set» de pernas, a andar de um ângulo para o outro.

E' assim que êle trabalha. Nesse ir e vir, architecta o grande realizador o que tem de levar à tela. De cenho fechado, cabeça baixa, silencioso e intratável, Lubitsch caminha léguas, às vezes, sem sair daquele pequeno espaço a que o prende a difícil profissão que lhe dá fama. Mas, quando emerge da sua bem passeada locubração, êle vem de posse da ideia cintilante, que há de pôr em cena, sejam passagens cómicas, sejam meros detalhes técnicos ou símbolos cinematográficos.

Nesse momento (que às vezes são horas), Lubitsch de tal maneira se abstrai do mundo ambiente que, não raro, indo de encontro a uma parede, pede desculpas, sem levantar a cabeça, julgando ter abalroado com alguém.

Enquanto Lubitsch trabalha, há um companheiro que não o abandona: é o seu charuto, um charuto enorme, que dura todo o dia, porque Lubitsch acende um depois do outro.

Só quando a ponta do charuto começa a incomodá-lo, pela fumaça e pelo calor da brasa, é que êle vem a si; pucha outro do bolsinho do colete, e emenda-o, por assim dizer, no que está a terminar.

Ao contemplá-lo assim, preocupado com o filme que se desenrola no seu cérebro, tal como êle um dia o há-de vêr na tela, não temos a coragem necessária de nos aproximar do homem. Contentamo-nos com o fi-

tar de uma certa distância, num ângulo do «set» a apreciar a filmagem. De vez em quando, Lubitsch manda entrar em cena os actores e, dadas algumas explicações, faz um sinal de «câmara». Os técnicos põem a máquina em movimento. Muitas vezes, antes da rotação de uma centena de metros de filme, Lubitsch faz outro sinal, e tudo pára súbitamente. Então, se o director não tem um novo plano ou ideia de execução, entra novamente a andar de um lado para outro. Depois, volta ao «set», e novamente a câmara funciona...

E' assim que Lubitsch trabalha. Assim é que êle realiza os seus trabalhos excepcionais, como *O Homem que Matei* e *Uma Hora Contigo*, o novo filme de Chevalier-MacDonald. Estas duas produções, dirigidas por Lubitsch, foram principiadas e acabadas quasi simultaneamente, e em cujo gigantesco plano, filmagem, retoques, etc., trabalhou Lubitsch mais de cinco meses.

No fim da tarefa da manhã, ao soar a hora do lanche, em marchando o trabalho a seu contento, Lubitsch prepara-se para essa refeição, que é feita no próprio estúdio, no restaurante que a Paramount mantém para os seus empregados.

Esse homem concentrado, que se abstrai de tudo e vê com os olhos da mente tôdas as sequências dos seus filmes, que não dá atenção a intrusos quando trabalha, mostra-se-nos agora de uma afabilidade única, lhano, conversador. E Lubitsch, que pelos modos nos dera a entender que tinha um lugar à parte, seu, para tôdas as suas necessidades no estúdio, baixa ao restaurante e senta-se em qualquer lugar, hombro a hombro com técnicos e artistas.


A's vezes, e só quando tem visitas extraordinárias, manda separar uma mesa para si e seus amigos. Tôda a sua carranca fica lá no «set», onde trabalha. A' hora da refeição, Lubitsch é o mais humano dos homens, e por isso o mais tratável.

Desta sorte, nós que o queremos entrevistar, aproveitamo-nos do momento.

Sentamo-nos à mesa com êle, e explicado o nosso motivo, conversamos com tôda a liberdade.

Terminada a refeição, subimos em companhia do director.

Ele ainda tem a delicadeza de chamar um fotografo e de mandar preparar a máquina para alguns «stills», nos quais se deixa fotografar na nossa companhia.

A um canto da **Lubitsch**  bôca, fumegando preguiçosamente, vê-se-lhe o charuto, aquele oloroso «havana», o seu inseparável amigo.



CARTA de PARIS

H. da Costa, que todo o cinéfilo português conhece pelas magníficas obras que atrai para os *écrans*, e que nem sempre tem a justa recompensa ou pelo menos o apoiado geral, (a magnífica fita «Tragédia da Mina» de seu exclusivo, deu-lhe em Portugal um grande prejuízo!!) falou-me um destes dias na produção alemã, da Vándor-Film, «Jeunes Filles en Uniforme» que se exhibe presentemente no elegante cinema Marigny, aos Campos Elíseos,—da maneira seguinte:

—Vá vê-la, gostará com certeza. É uma produção de classe, a pura gêma do cinema sonoro. Não sei se a mandarei para Portugal, tenho medo do fracasso, do prejuízo. Eu sou um cinéfilo na mais verdadeira acepção do termo, mas também sou negociante de filmes... Você compreende-me, não é verdade?

Segui o seu conselho. Uma destas noites fui ver a película dum modesto balcão que me custou uns modestos 25 francos! O cinema aqui, como em tôdas as grandes cidades do mundo inteiro, exceptuando as de Portugal, é claro, é caríssimo. O leitor que bufa ao dar 7 escudos por uma plateia magnífica aí no Pôrto, que faça as contas, sabendo que cada franco vale, ao câmbio do dia, 1\$15...

«Jeunes Filles en Uniforme» é realizado por Carl Fröelich, duma peça de Crista Winsløe. Nos principais papeis Dorothea Wieck, Herta Thiele, Ellen Schwannecke, Emilia Unda e Hedwig Schlichter, apresentam interpretações das melhores que temos visto até hoje, conseguindo um conjunto digno dos maiores elogios.

De tema pouco vulgar — o conflito moral duma criança a quem sempre faltaram carinhos, que é atirada para um colégio onde a disciplina térrea substitue a ternura,—é maravilhoso de boas fotografias, ângulos escolhidos cuidadosamente, cenas duma verdade impressionante, bem calculada, bem sentida, bem apresentada. Os dois papeis principais entregues à pequena Herta Thiele e a Dorothea Wieck

são duma grande humanidade, maravilhosamente trabalhados, impressionantemente conduzidos.

Gostamos dêste filme como todo o público gostava palmeando-o como todos palmearam ao apagar a última cena.

Antes de sairmos de Paris pediremos ao amigo sr. H. da Costa que o mande para Portugal, para os cinéfilos portugueses poderem apreciar uma das melhores obras do cinema sonoro até hoje apresentado.

Vamos convencidos, é claro, que é mais um prejuízo para a agência que distribui películas em Portugal, prejuízo parecido com o de «Tragédia da Mina» e outras.

Mas paciência, É o único pedido que lhe fazemos — será o único remorso que nos ficará...

No salão Adyar — *boite* elegante onde se exibem as maravilhas que o cinema vai apresentando e de que me ocuparei num futuro artigo — vi há dias, em festa dedicada a René Clair que estava presente, o filme «A nous la liberté!». Como os leitores sabem esta produção, que fez um ruidoso sucesso em quasi tôdas as nações do mundo, está interdita em Portugal e na Tscheco-Slovaquia. Razões para isso não conheço, nem me interessam. Cada cabeça tem guardada uma sentença diferente e no mundo existe a miopia e a vista cançada... Adiante. «A nous la liberté» é a obra prima do cinema — cinema, a última palavra do sonoro em França. René Clair foi muito além de «Sob os Telhados de Paris» e do «Milhão», conseguindo uma obra que marca já um avanço enorme na cinematografia falada.

Desde a primeira cena à última, aumentando sempre, o filme apresenta modalidades difíceis de discutir ou apreciar à *vol d'oiseau*. Eu só escreveria uma página da *Invicta Cine* sobre o filme, quando o visse, pelo menos, quatro vezes mais. Assim ficarei por aqui, lamentando sinceramente que tam rica película fique armazenada, escondida dos olhos, tapada à admiração daqueles que tam bem a apreciariam. Mas o seu tema social-comunista não seria capaz de transformar as ideias conservadoras dos nossos freqüentadores de cinema? Quem sabe?

Para êste filme ser exibido em Portugal não pedirei a ninguém, nem nunca pediria. Se amanhã o bolchevismo fôsse um facto, talvez eu fôsse acusado de propagandista, não é assim?...

«Coiffeur des dames», comédia falada em francês, está em exhibição no magnífico cinema Paramount. Fui vê-la. Casa cheia, a-pesar-de serem só 3 horas da tarde. Grande curiosidade no público. A película tem o ambiente parisiense que os franceses apreciam. É a história dum pobre rapaz que numa aldeia vizinha passa os dias a encaracolar o pêlo das cabras do seu rebanho e que por isso é despedido pelo patrão, vendo-se na necessidade de vir para Paris ganhar a vida. Cá, faz-se cabeleireiro de senhoras e chega a juntar fortuna.

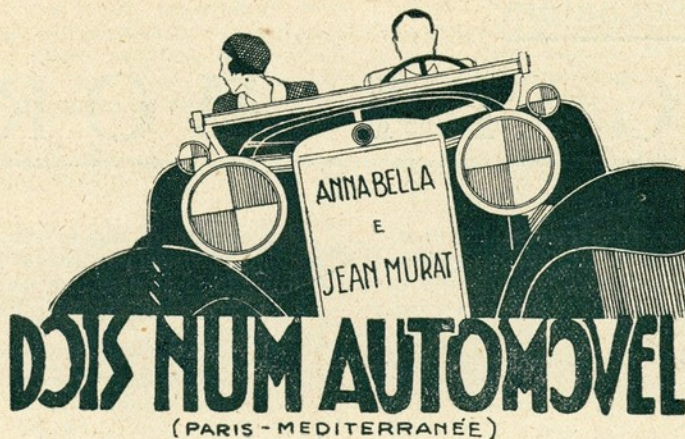
Peripécias engraçadas entremeando tôda a anedota. Boa graça, *charge* aos milhares de *coiffeurs* que desde há poucos anos infestaram Paris; música agradável. No principal papel Fernand Gravey que bate Chevalier, que põe em perigo os sucessos do



Louise Lagrange e Jeanne Boitel numa cena do filme «Escorregar não é cair», que se exhibe no Trindade

(Conclue na última página)

Um super
fonofilme
distribuído
pela Agência
H. da Costa, L.^{da}



que se estreia
na próxima
segunda-feira
no cinema
Águia d'Ouro

Uma empregada da secção de gramofones dum dos grandes armazens de Paris, Jacqueline Pascaud, responde a um anúncio em que o feliz contemplado com o 2.º prémio duma lotaria — um automóvel! — convida, para o acompanhar à Côte d'Azur, pessoa capaz de fornecer a gasolina e os pneus. Esse homem afortunado, Anatole Biscotte, guarda-livros da casa Chamorel & C.^a (retrosarias por grosso), espera-a no hall do hotel Carlton; Jacqueline deve reconhecê-lo por uma buzina que êle trará ostensivamente na mão. Mas o Destino quere que, quando aparece Jacqueline, a buzina esteja nas mãos duma e bem mais importante personagem: Lord Harry Kingsdale. Convocado por Jacqueline e resolvido a tirar o máximo partido do equívoco, Lord Harry Kingsdale apresenta-se como sendo Anatole Biscotte. Combinam partir os dois para a Riviera, no dia seguinte. O autêntico Biscotte, a quem o Lord envia uma choruda indemnização, também parte—.

Depois duma viagem acidentada, Lord Harry Kingsdale resolve hospedar-se com Jacqueline no Grand Hotel de Cannes. Manda porém reservar os seus aposentos sob o nome de Biscotte.

Quando chega ao hotel, o verdadeiro guarda-livros é recebido com todas as honras. Lord Kingsdale, para se vêr livre dêle, oferece-lhe 20.000 francos Biscotte aceita. Mas o acaso fá-lo encontrar Jacqueline.

Ao tomar conhecimento da identidade de Biscotte, a rapariga compreende que o seu companheiro de viagem não é quem ela supunha. Trocam-se explicações. Mas Jacqueline quere certificar-se se êle é, na realidade, um lord. Pergunta no hotel. E o pessoal obedecendo às instruções do seu ilustre hóspede, declara exactamente o contrário...

Desiludida, supondo-o um aventureiro, Jacqueline dispõe-se a regressar com Biscotte para Paris. Mas o amôr é mais forte... Jacqueline Pascaud não tarda em usar o título legítimo de Lady Kingsdale...

«... *Dois num automóvel* é um filme ligeiro, um conto trasbordante de sol, de riso e de ar livre, uma aventura deliciosa, onde existe o entusiasmo de viver e a claridade da Costa Azul e a que poderia chamar-se *Uma viagem ao encontro da felicidade*.

Poucos intérpretes — apenas Jean Murat Duvalès e eu — e à volta de nós a confiança na vida, a fantasia à solta e o prazer de sentirmos a nossa mocidade.» — *Annabella*.

«*Dois num automóvel*, que às vezes são quatro em dois automóveis, é uma comédia engraçadíssima, sendo o seu primeiro valor cómico o chistoso actor Duvallès. Jean Murat e Anabella formam o simpático par amoroso.

«Na levíssima encenação de Joë May, há exteriores admiráveis. Tem, além disso, esta deliciosa comédia, trechos de música que o ouvido retém com agrado.» *J. N. G. (do cinéfilo)*.



Uma imagem de «Dois num automóvel»

As que nos encantam

GABY MORLAY

Que áduos trabalhos os das raízes através do húmus, que tenaz resistência à brutalidade dos ventos, que comunhões misteriosas com certas ondas de luz, com os sais e os gazes do ar, dão à corola a côr, o perfume e a vida à flôr?... A arte de Gaby Morlay é semelhante à corola, é feita de tenacidade, de fôrça graciosa e de milagre, se, como quando se trata das obras da luz e do ar, se quisesse ouvir numa última palavra tudo aquilo que o raciocínio busca e balbucia nos «porquê»... o dom inato e as circunstâncias que se congregam para formar o todo; como o mágico, duma bastonada, faz nascer em plena floresta selvagem, um palácio edificado e povoado...

Assentada à turca, num canto dum enorme divan de veludo do seu salão, limita a curiosidade do jornalista, logo à primeira palavra, com uma voz muito grave, muito terna e muito piedosa... Ia-lhe perguntar pela vida da sua infância, se nêsse período tinha revelado alguma predisposição para o teatro...

— Eu não falo nunca da minha infância... E' um jardim secreto... Só passo a sua barreira para mim própria. O que eu conto de mim começa no teatro... aos quinze anos e meio. Suponhamos que eu nasci com quinze anos e meio...

— Seja...



Gaby Morlay

E entretanto, algum tempo depois, entreabriu-me sem pensar, esta barreira do jardim da infância. Gaby Morlay falava-me, eu revia êsse tempo passado, a vontade, em certos momentos, de iniciar uma vida de teatro:

— Comecei a luta pela vida muito cedo. Meu pai era um homem dotado duma grande fôrça de vontade. Não podia admitir que eu tivesse medo... Fazia-me ir alta noite até junto duma árvore que havia no fundo da propriedade...

— Porque tinha medo? — perguntava.

— Não sei.

— Pois se tu não sabes porquê, tu não tens medo.

Gaby Morlay interrompia-se.

— Ao contrário... Se eu não sabia porquê, é porque tinha medo.

Os olhos de Gaby Morlay têm por instantes o brilho pesado e ardente duma vida interior profunda, duma vida meditativa, que seria mais duma mística que duma comediante... Mas também por instantes, há riso, um riso puro, fresco, prolongado, um riso de rapariga...

Volta a pensar na árvore ao fundo da propriedade...

— Era preciso uma vontade formidável para bali ir. Mas eu «queria»... Talvez fôsse isso, ue me fez... E eu tenho sido sempre assim... Quando eu quero fazer qualquer coisa... quero.

E acrescentou com o seu olhar pesado.

— E' preciso vencermo-nos a nós próprios, para podermos realizar aquilo que queremos. Um certo silêncio.

—... quando se tem consciência daquilo que se quer, tudo correrá bem.

A gravidade dá lugar a uma graça juvenil. O jornalista preparado de lápis e linguados espera registrar as étapes duma carreira que hoje todos admiram.

— Tinha quinze anos e meio quando comecei no *Capucines*, como figurante. Era numa revistazinha de Hughes Delorme: *Potins et Pantins*. Eu fazia de Houx; tinha apenas de dizer: *Je suis le Houx. Qui frotte s' y pique*. Era o meu grande papel.

Mais tarde, foi buscar-nos um grande e velho cofre de madeira, cheio de fotos e de manuscritos. Constatamos que Gaby Morlay já não se recordava do tempo do *Capucines* em que era simplesmente Gaby Morlay. Assim o prova uma crítica a *Potins et Pantins* da qual extraímos estas linhas: *M^{lles} Gaby Morlay Mousy, Fendel e tôdas as outras principiantes do Capucines completam felizmente uma distribuição perfeita.*

Isto não vale nada, como ela diz hoje. Mas a primeira vez que leu o seu nome no jornal, quando então tinha quinze anos e meio, còrou de prazer.

Bem entendido, que procuramos novos assuntos no diário da «noviça»...

— Não tenho mais nada, — diz-nos Gaby Morlay. — Não conservo nada... Para quê? Para ler quando fôr velha? Direi então: Eu fui o que passou... e isso me bastará.

Os belos olhos traíram mais uma vez a pesada vida meditativa. Mas nós conservamo-nos firmes em querer saber a história da sua carreira

— Sem dúvida, dissemos, o papel de Houx, em *Potins et Pantins* não era muito importante; mas como tinha entrado para o *Capucines*?

— Duma maneira muito simples. Estava no teatro com uma parente. Ria. No intervalo um cavalheiro e uma senhora aproximaram-se de mim e perguntaram-me:

« Quer entrar para o teatro? »

Eram Mr. e M.^{me} Berthez os directores do *Capucines*.

Ondas de luz, saís e gases do ar... O milagre... Vamos encontrar mais de um milagre na sua carreira...

— No *Capucines*, continua Gaby Morlay, eu tinha um carácter intratável. Questionava com todos. Eu dizia: « Vereis, quando eu fôr uma grande artista ». Zombavam de mim. A primeira peça em que interpretei foi *Le traité d'Auteuil*, de Verneuil, um papel gentil que me destacava um pouco. Depois — em 1912 Rip, tendo tomado de sociedade o cabaret *La Pie qui chante*, fez-me interpretar duas cênas numa das suas revistas. Um dia Fontanes, então director do *Châtelet* assistia ao espectáculo. Veio ver-me e pediu-me que fôsse ao *Châtelet* interpretar *Les exploits d'une petit française*. Assim fiz; estávamos em 1917.

Um pequeno silêncio.

— O resto veio sem que eu desse por isso. Verneuil recomendou-me para *Mademoiselle ma mère* no teatro *Fémina*.

Interpretei depois *Simone c'est comme ça* de Mirande e Alex Madis; depois *Après l'amour* de Wolff e Duvernois, no *Renaissance*. Ainda *Les nouveaux messieurs* de de Flers e Croisset e *Le Geste* de Donnay e Duvernois. Até aqui os meus papéis foram mais de comédia. Então apareceu-me um dia, no meu destino Henry Bernstein...

Mas antes de termos chegado a êste ponto da conversação nós tínhamos tagarelado imenso de diversas coisas.

E enquanto Gaby Morlay me enumerava cronologicamente os papéis... Mirande... Verneuil... *La Pie qui chante*... há um determinado momento em que parando, se concentra.

— Houve ocasiões em que fiz mal... Eu não cessava de conservar a minha tenacidade, mas havia também em mim um encarniçamento em querer demolir aquilo que tinha começado...

— Explique-nos como se manifestava essa vontade formidável...

— Não sei. Tinha de resistir a inumeráveis tentações. Isso divertia-me; no verão, apetecia-me ir até às praias. Todavia, ficava... Confiavam-me então os papéis que eu nunca teria em plena época.

Gaby Morlay evoca outras reminiscências. Conservámo-las na intimidade. Voltamos a Henry Bernstein.

— V. calcula lá como isso começou?!... Eu não tinha interpretado senão papéis de cómica, nem um dramático. Bernstein veio visitar-me dizendo-me que eu tinha lugar na distribuição da peça *Le Geste*. Bastou isto.

— *Mademoiselle*, dizemos nós daí em diante, conhecemos a sua carreira; foi sempre a marcha para a glória, para alcançar o triunfo; depois do teatro atingiu-o no cinema dentro dos mesmos moldes que Bernstein havia notado na cómica de *La Pie qui chante*. E hoje quando se podia mandar executar como hino triunfal o canto sublime da Walkiria, acordada por Sigfredo « Glória ao astro » triunfa ainda no *Il était une fois*.

Falamos então no sucesso actual formidável de *Il était une fois*.

— Os jornais, diz-nos, têm-me consagrado algumas palavras que nem sempre eu mereço, mas...

Falamos já noutro assunto. Gaby Morlay, salta abaixo do divan e arrasta para junto de nós o cofre que contém as suas recordações. Mostra-nos duas fotos uma na carlinga dum dirigível, ao volante, quando obtive o seu brevet de piloto de dirigível.

Outra como cómica, numa festa realizada num café concêrto.

— Uns marinheiros amigos levaram-me até Saint-Cyr, conta-nos, e divertiram-se a ensinar-me a governar um dirigível. Quando descí disse-lhes que queria ser piloto. Riram-se, mas o que é certo é que consegui o brevet, como já viram.

O meu sonho, conclui Gaby Morlay é ter um dia meios para comprar um pequeno dirigível e passear, se até lá não resolver ainda não comprar.

*

— E no cinema? perguntamos.

— Continuei com a mesma persistência e tenacidade de sempre. Foi Jacques Feyder quem, depois de me ter visto um dia trabalhar no palco, se lembrou de me dar um pequeno desempenho em *L'agonie des aigles* (O vôo da águia).

O meu papel nesse filme, não me evidenciou duma maneira notável...

— Todavia, mais tarde, — arriscamos.

— Mais tarde voltei a colocar-me diante da objectiva para fazer a fantasia de crítica *Nouveaux Messieurs* (Os novos senhores).

— Foram os seus únicos filmes mudos, não é assim?

— Sim, depois no sonoro filmei apenas *Accusée, levez-vous!* (O Julgamento de Gaby), *Maison de Danse* e finalmente *Faubourg Montmartre* e *Ariane*.

— Quais são as suas ideias pessoais sobre o cinema?

— Impressões pessoais? Mas podemos nós ter ideias pessoais, não seremos antes máquinas?! O cinema ainda não atingiu a sua culminância; questão de anos talvez; mas é uma profissão tão fatigante...

Perde-se toda a personalidade no cinema; defende-se de toda a espécie de pessoas, de gentes, de influências de coisas. Não se faz nada por nós próprios. Quando vós tendes achado o verdadeiro tipo

(Conclue na última página)



Annabella no fonofilme « Dois num Automóvel »

BEATRIZ COSTA

— Allô! Allô! Beatriz Costa? Daqui, Alves da Cunha, da *Invicta-Cine*, da *Cinearte*...

Poderei vê-la?

— Com muito gosto. Dê-se ao incômodo de aparecer logo às oito da tarde, na caixa do «Variedades», sim?!

— Combinado.

Aquela voz já conhecida através do fonofilme *A Minha Noite de Nupcias* extinguiu-se no outro extremo da linha telefónica.

A's oito horas não faltei. Beatriz Costa? E' difícil falar-lhe agora e certamente não o recebe, retorquiu-me o porteiro do teatro. Mas o meu cartão «singrou contra tôdas as procelas» até junto da galante artista e dentro de dois minutos eu achava-me a seu lado, num camarim pequeno, proporcional ao teatro onde ela trabalha há meses com sucesso no *Pim! Pam! Pum!*, mas agradavelmente decorado.

Após as apresentações, ela prossegue a sua ligeira «maquillage» interrompida, para receber-me. Temos uma curta palestra. Nada de entrevistas, nem de sacramentais perguntas, já tão batidas nas *interviews*. Trata-se simplesmente duma visita onde se fala um pouco à vontade de parte a parte. Nós sem o questionário antecipado. Ela desempenha, conversando com espontaneidade, sem o acanhamento ou preocupação tantas vezes provocados pela entrevista de descargas interrogativas.

— «Pois é verdade—ia-me ela dizendo—provavelmente serei uma das intérpretes dos primeiros filmes da Sociedade de Filmes Sonoros. O Leitão de Barros já me falou nesse sentido». (E interrompe para eu escolher uma fotografia que quer dedicar-me).

«A propósito—continua— não imagina o número extraordinário de pedidos de fotografias que recebo de tôdas as partes».

Beatriz Costa abre uma gaveta e expõe-me aos olhos um monte de envelopes capeando fotografias e endereçados a vários indivíduos. Conto-os: trinta e oito. Já é alguma coisa e bastante significativo para uma artista portuguesa».

— «Um dinheirão que você deve gastar com isso?!

— «De facto não fica barato. Tanto mais que os cinéfilos não costumam enviar-nos qualquer importância para as despesas do porte sequer ao menos».

— «Mas, está a vêr! êstes pedidos são-nos agradáveis e interessam-nos. Fazem parte da nossa publicidade particular e mostram quanto o público se lembra de nós. E embora custe um pouquinho... As despesas são tôdas por nossa conta, pois as empresas não querem saber disso para nada e não ajudam os que trabalharão nos seus filmes. As foto mandámo-las fazer».

«Por vezes, recebo cartas de cinéfilos que têm o despalante de se dizerem jornalistas para mais seguros ficarem do meu envio fotográfico, com dedicatória particular».

«E claro! quando não tenho provas concludentes da verdade, a foto vai simplesmente assinada».

Ao camarim da Beatriz Costa afluem muitas pessoas a saber disto e daquilo, gente do teatro que se prepara para trabalhar no tablado. E ela fala, interrompendo por vezes a conversa sem perder tempo na sua *maquillage*. A hora de entrar em cena aproxima-se e eu não quero retê-la mais tempo. Despeço-me para ir olhá-la da plateia.



A distinta actriz Beatriz Costa na campanha de *Martene Dietrich*

Escorregar não é cair

Bem me queria parecer que *A Princesa Encantadora* não fôra mais do que um acaso na carreira de Reinhold Schunzel... Este seu novo filme, se não o fez cair de novo no lugar insignificante que sempre ocupou, fê-lo pelo menos dar um forte escorregão... Se tivesse andado por ali a fiscalização dum Erich Pommer, talvez que a banalidade do argumento se apagasse sob uma cuidada transposição em imagens e o desenvolvimento da história não se perdesse em demoras inúteis (certas cenas no cabaret) que acarretam um imediato desequilíbrio para o filme. Mas Schunzel só teve a colaboração de Henri Chomette—que foi em tempos um vanguardista de valor, de quem nós chegamos a esperar grandes coisas, mas que naturalmente se vulgarizou como a maior parte dos realizadores franceses em crise. Todavia, se *Escorregar não é cair* não é um filme, perfeito também não aborrece porque está recordado de felizes situações cómicas às quais Lucien Barroux dá quasi todo o valor. Porque Lucien Barroux é um actor excelente, repetindo-se um pouco, é certo, em todos o seus papéis, mas enchendo-os de minúcias preciosas. André Berley, Jeanne Boitel e Richard Wilm giram à volta de Barroux, interpretando com correcção os personagens que lhes foram confiados.

Rapaz ou

Um filme singelo mas bonito, delicado, bem feito, com bom gosto e com graça, conduzido com deliciosa leveza num movimento harmonioso e bem ritmado. Excelente fotografia. Lindos exteriores trazendo um pouco de ar puro, hoje tão raro no cinema. Na interpretação, a-pesar-de os nomes de Carmen Boni (como protagonista) e de Armand Bernard (como atractivo) figurarem em primeiro plano, o melhor desempenho foi, a meu vêr, o dêsse grande actor que é André Dubosc. Muito sóbrio, muito correcto, André Dubosc, sobretudo nas cenas finais com Françoise Rosay, tem a afirmação nítida do seu grande talento. (Há nestas cenas a apontar o feliz emprêgo dos «coros da consciência», resultado das sempre titeis lições de René Clair). Carmen Boni perfeitamente à vontade, quer vestida de rapaz, quer vestida de rapariga, dá juventude e graça a todo o filme. Armand Bernard muito engraçado, como de habitual (talvez mais engraçado do que de habitual) mas forçando a nota um pouquinho... o que não era preciso.

Atlantic

Os programas anunciaram êste filme como realização de E. A. Dupont... mas afinal o que nós vimos foi a versão francesa dessa obra, realizada por Jean Kemm. A versão original, dirigida por Dupont, li há tempos na revista *Du Cinéma*, é um filme admirável e totalmente diferente desta tradução em francês que agora nos foi apresentada. O que nós vimos, devido à notória pouca mestria de Jean Kemm, se lhe excluirmos três ou quatro passagens vibrantes e de valor, mas isoladas, perde-se em palrações sensaboronas e teatrais e em tiradas melodramáticas de lamentável mal gosto. Na primeira metade do filme parece, mesmo, que não houve outro desejo senão fazer metragem, dobrando palestras, repetindo cançonetas, fazendo-nos vêr vezes sem fim as mesmas cenas, quasi que nos mesmos ângulos e sem aproveitamento algum... O que poderia ser um grande filme — e certamente foi-o na versão original dirigida por Dupont — é uma insípida peça de teatro com alguns lances emocionantes (cenas do salvamento) mas mesmo estes mal ligados ao conjunto... desmembramento de que se ressentem os intérpretes, que não mostram *sentir* onde estão nem o que estão fazendo... Não são eles quem devemos recriminar, mas Jean Kemm que mostrou conhecer pouco o seu ofício, cometendo faltas a torto e a direito... E essa de substituir diversas cenas da versão original por diálogos (é ainda *Du Cinéma* que me informa) é imperdoável!

A L V E S C O S T A .

— «Naturalmente irei trabalhar ao Porto em Novembro próximo. Faço essas tenções» — acrescentou ela.

Sai dos bastidores e entrei na sala. O espectáculo começava e pouco depois Beatriz aparecia no palco, acolhida com grande manifestação de simpatia do público.

Eu que pela primeira vez a vi trabalhar no palco constatei quanto ela é querida dêsse publico amante do teatro.

E no fim do espectáculo, eu sempre renitente em olhar com indiferença para a quasi totalidade dos artistas teatrais, fôra conquistado pela Beatriz. E' mais um admirador seu no campo teatral...

J . A L V E S D A C U N H A .

As reflexões dum director cinematográfico

Discutindo o assunto da relação que existe entre o teatro e o cinema, durante uma conversação que tivemos com o realizador Edgar Selwyn, êle declarou que na actualidade não existe nenhuma diferença radical na preparação duma história para um ou outro destes meios de expressão dramática.

«A maioria dos directores ensaia as cenas dum filme falado de forma muito semelhante àquela pela qual um encenador teatral ensaiaria para o palco. Naturalmente, na preparação do diálogo e na distribuição das cenas há uma considerável diferença, já que para a tela tudo tem que ser mais reconcentrante, e, de um ponto de vista pictórico, mais sugestivo. Contudo, ao comparar a técnica do director cinematográfico com a do director teatral, observam-se na actualidade muito mais pontos de semelhança do que existia há três anos. Para um filme é necessário ensaiar cenas curtas; para a peça teatral, é necessário actos inteiros, mas a maneira e o estilo de tais ensaios não varia muito. Talvez a maior diferença consiste em que no cinema se dispõe de menos tempo para tornar perfeita uma cena determinada e a mudança na seguinte. No ensaio duma peça teatral dispõe-se relativamente de mais tempo e, em troca, não há tanta necessidade de perfeição, já que as cenas falsas podem ser corrigidas e melhoradas depois de várias semanas de experiência com elas. Num estúdio cinematográfico tem-se que decidir rapidamente e definitivamente a forma pela qual se há-de fotografar uma cena qualquer».

Segundo Edgar Selwyn, que foi director dos sensacionais êxitos teatrais *Gentleman Prefer Blondes* e *Strike Up The Band*, a tarefa de dirigir peças para o teatro assume o caracter dum dia de descanso depois de dezoito meses de trabalhos em Hollywood.

«No estúdio—disse Mr. Selwyn—nunca se escapa dum ambiente de forte tensão nervosa. Isto, deve-se, sem dúvida, em parte, ao facto de que no cinema tem-se que satisfazer muito mais pessoas além do director. Geralmente tem de se passar também os domingos e as noites no cenário, ou então examinando cuidadosamente as cenas filmadas durante o dia, logo que a gente tomou o encargo de fazer um filme.

Irving Thalberg, director geral das produções da M. G. M. foi muito elogiado por Mr. Selwyn, pela sua habilidade em estudar, com um amplo critério, qualquer problema que lhe apresenta um director, assim como por unir entre si os divergentes

factores encarregados das actividades dum estúdio. Conforme nos disse Edgar Selwyn, Mr. Thalberg, consegue trazer na sua mente centenas de detalhes sobre qualquer filme que estejam fazendo e colabora com o «astro» ou a «estrêla» e o director no preparo de qualquer história que pensa filmar.

O êxito dum filme depende muito mais do autor da história do que se julga e se reconhece. Na opinião de Mr. Selwyn, o trabalho do director ocupa na imaginação do público um lugar demasiado proeminente, enquanto que a contribuição do autor passa frequentemente despercebida.

«O escritor que possui um bom senso dos valores dramáticos é indispensável nos estúdios cinematográficos, e, contudo, com frequência se lhe concede menos atenção e menos cooperação do que a um supernumerário. A despeito da sua importância e da parte que êle desempenha no êxito duma película o escritor é quasi desconhecido do público cinematográfico e geralmente é mencionado em último lugar nos títulos de apresentação. A meu ver, isto devia ser remediado. E' necessário reconhecer que o cinema não vai parar a lugar algum se não tiver boas histórias e que os directores e os artistas devem mais ao escritor do que êste deve a êles.

«Não há impressão que esteja mais longe da verdade do que a que prevalece em certos círculos de que o escritor que vai a Hollywood, contratado por alguma companhia cinematográfica, não vale o dinheiro que lhe pagam pelo uso da sua obra. Frequentemente os talentos do escritor cinematográfico não são aproveitados como é devido, mas não é menos seguro que muitas vezes um autor trabalha mais do que se diz.

«E' uma lástima—continua Mr. Selwyn—do ponto de vista de obtenção dos melhores resultados cinematográficos, que o escritor seja em geral um homem muito modesto, sem presunção. Muitos outros que trabalham no cinema não são tão modestos e nos primeiros anos do cinema, era o escritor que ao mesmo tempo era o homem de acção e que conseguia abrir caminho. A situação mudou muito e conforme passa o tempo mudará ainda mais. Não há razão alguma pela qual um escritor tenha que se impôr para levar à tela uma das suas histórias mais do que um novelista ou um dramaturgo».

O R I T A L A G E



Um super filme de aventuras misteriosas da

Meus caros amigos: Vocês que são uns belos rapazes e vocês que são umas gentilíssimas raparigas vão-me perdoar por eu não ter respondido às vossas cartas, na semana passada, nem vos ter dado a mais pequena desculpa. Mas a razão é simples: não estive no Porto durante uns dias... e nesses dias, perdoo a sinceridade, não tive sequer tempo para pensar em vocês, nem um minuto, nem um segundo!... Mas agora estou de novo ao vosso inteiro dispor, pronto a receber-vos com o meu mais simpático sorriso.

Estou desolado, vocês sabem? Desolado! A Madrinha vai para a América! Roubaram-na! Quando há dias li uma carta do Loubet anunciando-me (antes de qualquer jornal o ter dito) que a Lilian partiria muito em breve para o Novo Continente... tive o maior desgosto da minha vida!... Vão-nos estragar a Lilian; vão fazer da Madrinha uma senhora muito esquisita; vão-lhe roubar a personalidade, o mimo, o encanto... E a marôta deixou-se atraindo pelo brilho do dólar e de Hollywood e lá vai, qualquer dia, para o outro lado do «grande charco», abandonando a velha Europa que tanto a queria...

Alguns leitores perguntaram-me como vão os trabalhos preparativos da S. F. S. P. Por enquanto vão o melhor possível, e a associação da «Tobis» à «Sociedade de Filmes Sonóros» (que parece vir a chamar-se «Tobis Portuguesa») foi o que de mais feliz podia ter acontecido ao cinema português. Não me venham agora falar em «patriotismo» e em «defesa dos interesses nacionais» diante da intervenção da grande marca alemã nos nossos negócios cinematográficos. A isto chama-se simplesmente andar com muitíssima sorte... porque a verdade é esta: a gente ibérica não têm veia para o cinema e não a ganha se não for ajudada; porque criá-la entre nós, e só conosco é muito problemático... ainda que com isto eu vá de encontro às opiniões do Leitão de Barros, que é um valor isolado no meio dum cáos, mas que ainda assim é um belo idealista.

Guidita—Como você compreende, podendo qualquer pessoa abrir as cartas, há coisas que não se podem escrever e portanto... Mas há outros meios.

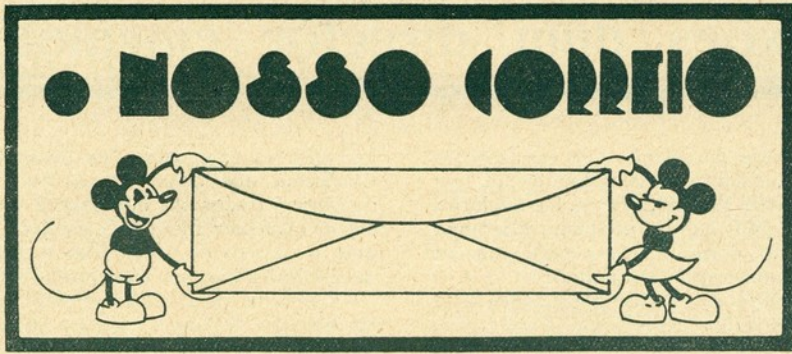
Álvaro Meireles—Sim senhor, é verdade que o Henry Garat se casou. Não sei que é que isso têm de extraordinário!... Ou você... nada, nada... eu ia dizer uma tolice.

Um acadêmico—Respondo simultaneamente a duas cartas suas que aqui tenho. Muito obrigado por esses cumprimentos e abraços todos!—O seu alvitre talvez mais tarde venha a ser aproveitado. O que escreveu sobre as *Luzes da Cidade* não está mal. Procure todavia abandonar as exclamações e tente analisar mais profundamente. A sua história está fraquinha. A ideia é simpática, aproveitável, mas está desenvolvida sem relêvo, ingenuamente. E há um bocado, ao qual você quis dar um ar sinistro, que é nitidamente forçado. Não estranhe esta franqueza, porque ela só lhe faz bem. Diga-me uma coisa: quantos anos têm? E agora um conselho: Leia com atenção e o mais que puder bons autores portugueses.

Ego sum qui sum—Indocti discant. O Tom Mix anda afastado do cinema, creio que temporariamente. Ultimamente esteve trabalhando num circo.—Não sei se Castelo Lopes têm feito ou não bom negócio com *Luzes da Cidade*... mas creio que sim. Os exibidores é que parece que não...—Sim senhor pôde escrever à Madrinha mandando a sua carta para a Ufa Kochstrasse, 6-8 Berlim. Sempre às suas ordens.

Manuel Martins Gaivota Jr.—Olhão—Este senhor vende por 10\$00 os números 1, 3, 5, 13 e 30 de *Invicta-Cine*. A correspondência sobre este assunto deve ser-lhe dirigida directamente.

Melisande—Muito obrigado pelo seu postal. Vejo que gostou e soube compreender *Luzes da Cidade*. Já li em diversas cartas de outros leitores opiniões e críticas sobre o filme de Charlot. As suas oito linhas, num postal, foram as mais inteligentes, resumindo em algumas dezenas de palavras tudo o que o filme encerra de belo, de grande, de profundamente sentimental.



Alberto Cruz e José Allen—Os impressos da S. F. S. P. estavam bem preenchidos. Faltava apenas a morada mas como vocês a indicaram na vossa carta nós completamos os papéis. Não sei ainda quando é que se fará a entrega das acções e o respectivo pagamento. Quanto ao vosso desejo de entrar para o cinema isso não têm que figurar nos memoranduns porque uma

coisa não têm nada com a outra. Vão tirando umas fotografias que mostrem a vossa fogenia e esperem pela primeira oportunidade (quando se começar a fazer o primeiro filme) para se proporem.

Eduardo Dias Régo—Obrigado pelas felicitações! A Madrinha está também muito reconhecida pela sua amabilidade. Quando vocês virem aí em Ponta Delgada *Dois corações a compasso* até ficam tolinhos... De acordo com a sua apreciação ao fonofilm *A Severa*. Diga-me uma coisa: Como foi que o público recebeu aí esse filme? Obrigado pelos informes que me dá. Se desejar comprar algumas acções da S. F. S. P. nós mandamos-lhe com prazer memoranduns de inscrição. As direcções que deseja são as seguintes: Sofia Bozan c/o Paramount Films, Rue des Reservoirs, St. Maurice (Seine) França; Lilian Roth... olhe, de Lilian Roth não sei, creio que ela está trabalhando para o teatro.

Bibok—Estou muito contente por saber que você gostou da fotografia da madrinha e que ficou a gostar ainda mais da *Invicta*. Obrigadíssimo pela propaganda que nos têm feito. Então, sempre foi ver *Luzes da Cidade*? gostou? Não se esqueça de me contar as suas impressões. Com que então a Bibok julgava-me «um velhote de aspecto venerando»! E eu a pensar que estava a transbordar mocidade por todos os lados... até pelo bico da minha Conklin... Então já que você promete não se esquecer do dia dos meus anos, eu prometo não me esquecer do dia dos seus. Até breve, Bibokzinha, fica à espera de mais cartas suas.

A. R. Mendes—Como você compreende, tudo isso depende da maneira de ver as coisas. Ainda há pouco li numa nova revista cinematográfica, *Nuestro Cinema*, esta frase: «Chevalier es el signo del embrutecimiento del peluquero y de todos sus hermanos peluqueros reunidos en sociedad...».

S. R. M.—Já lhe foram enviados os números pedidos. Temos os outros também.

Kate de Nagyfilo—A sua apaixonada mora em Berlim-Grunewald, Humholdstrasse, 36. Creio que lhe mandará retrato. Eu também gosto da Kate mas acho que ainda está longe de chegar à Madrinha... apesar desta marôta estar a preparar-se para nos deixar e ir para a América.

Charlot II—Não se sabe ainda quando Chaplin voltará a filmar. Ele agora anda viajando pelo Oriente. Obrigado pelos abraços!

A M O K

Todos os leitores da «Invicta-Cine», são intimados a ir ver a Madrinha, que, no próximo dia 14 pelas 17 horas, se apresenta na tela do Cinema Aguiá d'Ouro no encantador fonofilm «O Caminho do Paraíso».

Dois motivos vos mandam assistir à matinée do dia 14: um dever humanitário e o dever de aplaudir Lilian Harvey.

FOTOGRAFIA GUEDES

O mais completo Atelier Fotográfico NEVES GUIMARÃES 346, Rua de Santa Catarina, 350 — Telef. 2860

JUNHO

14

TERÇA-FEIRA

Grandiosa «matinée» no Cinema Águia d'Ouro, promovida pela «Invicta Cine» a favor da Assistência aos Tuberculosos do Norte de Portugal, exibindo-se a encantadora cine-opereta "O Caminho do Paraíso", da Agência Cin. H. da Costa, L.^{da}

Gaby Morlay

(Conclusão)

da personagem a interpretar, quando se julga que tudo está correndo esplendidamente, aparece-vos o mais obscuro engenheiro de som, precipitado e vociferante.

O teatro permite o crescimento progressivo da emoção; a acção começa no princípio e acaba no fim, ao passo que o cinema...

— Está bem, mademoiselle. E que pensa do cinema sonoro? Acha-o com afinidades para o teatro?

— Mas sim, o cinema falado é um segundo teatro!

Depois, oh! paradoxo:

— Não há verdadeiramente razão para aparentar estas duas artes; os seus meios são idênticos, exactamente os mesmos. E' preciso a todo o custo não realizar filmes de peças de teatro; o cinema é o domínio do imprevisito; é preciso que a todo o momento se ignore o que se vai passar a seguir. Só assim o cinema conseguirá ser aquilo a que tem direito...

Mais não disse esta mulher que no écran nos dá desde a «flapper» à «vamp» fria e apaixonada, ou ainda a enfortunada mulher de quarenta anos.

E' um tipo exquisito esta Gaby Morlay.

Não ignora os casos mais diversos do encanto. Simboliza-o com uma inteligência rara e clara.

* * *

Dois cinegrafistas homenageados pelo Governo Português

Em face dos serviços prestados à cinematografia portuguesa, o nosso Governo, acaba de condecorar os conhecidos cinegrafistas J. Castelo Lopes e Almeida Ribeiro, sócios da firma distribuidora de filmes J. Castelo Lopes, L.da. A entrega das respectivas condecorações, foi feita no passado dia 1 do corrente mês, no Cinema Condes, por Sua Ex.a o Sr. Presidente da República, quando da exhibição particular do fonofilm *Anjos do Inferno*.

O Chefe do Estado, ao impôr as insígnias àqueles nossos amigos, dirigiu-lhes palavras de louvor.

Os homenageados, foram em seguida felicitados por todos os convidados para aquela cerimónia.

Invicta-Cine, que se fez representar pelo nosso camarada Joaquim Alves Teixeira, apresenta a Castelo Lopes e Almeida Ribeiro respeitosa cumprimentos.

petit Maurice. A curiosidade do público era esta: saber se Gravey era mais engraçado que Chevalier. Alguns acharam que sim, outros que não. Nós fomos dos primeiros, sinceramente convencidos, sem paixões. Chevalier nunca foi para nós um Artista. Viamo-lo porque o seu sorriso faz-nos rir, dispõe-nos bem. Por mais nada. Os franceses, entre os dois, vacilarão por algum tempo mas cairão para o lado do Gravey. Maurice Chevalier na América não fará mais nada de novo—as cançõezinhas, os braços abertos, um certo ar gingão. Gravey começou agora, é este o seu primeiro filme, ao lado de Mona Goya, uma beleza que fará sucesso em todo o mundo. A' saída do Paramount, já no *boulevard*, pensamos na Lillian Harvey, na *madrinha*. Como mandamos dizer na nossa **Carta Aberta**, ela parte em Janeiro do próximo ano para a Fox, depois de terminar três películas na U. F. A. Como aconteceu ao Chevalier, ela fará alguns filmes, receberá milhares de dólares e... morrerá para o mundo da tela. Chevalier, Lillian Harvey e tantos outros de que já não se fala, de que ninguém se lembra. Os grandes artistas—para os americanos—são os que conquistaram o público. Nasceram todos na Europa e vão morrer do lado de lá do Atlântico, ricos de dólares, mas pobres de aplausos.

Paris, Maio de 1932.

E . . . L O U B E T . . .

Lilian parte ainda este ano para a América

Notícia um jornal alemão que Lillian Harvey partirá já no próximo mês de Outubro para os Estados Unidos, contratada pela *Fox*, e não em Janeiro de 1933 como se dizia.

O Rivoli passa a cinema?

Segundo consta, o Teatro Rivoli, no mês de Outubro, começará a exhibir filmes.

Consta mesmo que a firma Castelo Lopes, L.da propôs à empresa do Rivoli instalar tóda a aparelhagem sonora mediante determinado contrato.

O Batalha vai ser demolido?

Volta novamente a dizer-se que o cinema Batalha vai ser demolido afim de a direcção dos correios utilizar para as suas novas instalações o terreno que aquele cinema ocupa.

BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE pelas Ex.ªªª Empresas dos Cinemas: ■■■■

AGUIA D'OURO

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 11 de Junho de 1932.

OLYMPIA

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 9 de Junho ou 11 de Junho de 1932.

O D E O N

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 11 de Junho de 1932.

As crianças que por ventura forem acompanhadas do portador deste BONUS, não têm direito a entrada gratuita.

Clóvia d'Ouro

Apresenta na próxima segunda-feira a
super comédia que ultimamente obteve
ruidoso sucesso em Lisboa e Paris

DOIS NUM AUTOMÓVEL

com os conhecidos artistas
Annabella, Jean Murat e o
famoso cómico Duvallès.
Um fonofilme com música
deliciosa e paisagens admi-
ráveis realizada por Joë
May e distribuída pela

AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA, L^{DA}

CASTELO LOPES, L.^{DA}

a casa distribuidora do famoso filme
de Charlie Chaplin (Charlot)

LUZES DA CIDADE

apresenta brevemente no Pôrto
outra grande super-produção

ANJOS DO INFERNNO

a mais completa reconstituição das lutas
aéreas. O melhor filme de Aviação
